



UNILAB

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIAAFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

SÓNIA MARIA RAMOS GONÇALVES

**A INFLUÊNCIA DAS MÃES CABO-VERDIANAS
NA VIDA ESCOLAR DOS SEUS FILHOS**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2017

SÓNIA MARIA RAMOS GONÇALVES

**A INFLUÊNCIA DAS MÃES CABO-VERDIANAS
NA VIDA ESCOLAR DOS SEUS FILHOS**

Trabalho de Conclusão de Curso Curso – Modalidade
Projeto de Pesquisa – apresentado ao Instituto de
Humanidades e Letras da Universidade da Integração
Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como
requisito para obtenção do título de Bacharelado em
Humanidades.

Orientadora: Profa. Dra. Claudilene Maria da Silva.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2017

SÓNIA MARIA RAMOS GONÇALVES

**A INFLUÊNCIA DAS MÃES CABO-VERDIANAS
NA VIDA ESCOLAR DOS SEUS FILHOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção do título de Bacharelado em Humanidades.

Aprovado em 25/07/2017.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Claudilene Maria da Silva (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Profa. Dra. Rutte Tavares Cardoso Andrade

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Profa. Dra. Maria Petroni

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

AGRADECIMENTOS

Primeiramente começo agradecer aos meus pais, principalmente minha querida, amada mãe por ter acreditado no meu sonho de um dia me formar, de ser uma mulher da própria autonomia, depositar em mim toda confiança do mundo e também pela força, atenção e incentivo que constantemente me deu nos meus estudos.

Agradeço a minha orientadora, professora doutora Claudilene Maria da Silva pelo aprendizado, carinho e por ter disponibilizado carinhosamente seu tempo junto comigo nesse trabalho, mostrando que eu era capaz de chegar onde cheguei hoje. Meus profundos agradecimentos.

Agradeço a meu grande amigo, “Co-orientador” Chitungane Sebastião Chachuaio, pela força, apoio e coragem dado nessa nova etapa da minha vida tanto pessoal como acadêmica. Meu muito obrigado.

Agradeço também a minhas irmãs Elsa, Neia, Branca e Elly, meus irmãos Mano, Dino, Flávio e Papau, e em especial o meu irmão Vi, que se não fosse por ele não estaria fazendo parte dessa família (a Unilab) por todo o apoio, encorajamento dado nessa caminhada. Também agradeço a meus primos Alex, Zildo e Mandela, minhas primas Djenny, Nata, Sany e Bela e minha cunhada Zita pela força e motivação que deram para continuar nessa estrada.

Agradeço ainda a Cotoco, a mulher que me adotou como filha e me acolheu carinhosamente cá no Brasil disponibilizando todo tempo dela para comigo nos meus bons e maus momentos passados aqui. E a minha querida amiga, irmã Lia e sua família.

Por fim, agradeço a todas e todos que fazem a Unilab e a todas e todos que fizera m parte da minha vida durante esse percurso.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	JUSTIFICATIVA	11
3	OBJETIVOS	13
3.1	OBJETIVO GERAL	13
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	14
5	LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO	15
	REFERÊNCIAS	18

1 INTRODUÇÃO

Toda pesquisa se inicia com algum tipo de problema ou indagação, e neste caso, a inquietação levantada para o presente trabalho que se estenderá futuramente, surgiu numa das conversas com um dos professores, doutor cabo-verdiano da universidade da integração internacional da lusofonia afro-brasileira sobre a minha vivência enquanto mulher na sociedade contemporânea (Cabo-verdiana).

Esta vivência dentro da minha família, onde a maioria por parte da minha mãe, são mulheres e as mesmas até dois anos e meio, antes de eu sair do meu país, não tinham consciência dos papéis pré-definidos que vivemos dentro da família. Compreendo que elas, e nem eu, não tínhamos uma visão crítica sobre esses papéis que são construídos socialmente e muito menos tinham uma visão construtiva de que elas eram capazes de deixar esse “lugar/espço” onde muitas ainda percebem como um lugar só delas, algo que não deve ser demandado ou contestado.

Todavia, a análise para esse tema também partiu de uma vivência dentro da minha cidade (São Lourenço dos Órgãos), onde durante todo o meu percurso escolar, pude observar a presença feminina nas escolas locais. Não só no que desrespeito a compor o corpo docente mas também como mães fazendo parte direta da vida escolar dos seus filhos.

Em todas as escolas onde estudei a maioria dos profissionais que fazia parte do corpo docente eram mulheres, do fundamental ao ensino médio pude perceber essa demarcação de lugares na minha cidade, um município de Cabo Verde, que fica na Ilha de Santiago, localizado bem no centro, no coração da Ilha com cerca de 7388 habitantes, conforme os dados do recenseamento de 2010. Entre estes, 50.2% do são do sexo feminino e 49.8% são do sexo masculino e a maioria da população é jovem.

Mesmo as mulheres sendo a maioria da população e ocupando o espaço público, as ruas da cidade, já que boa parte delas são vendedoras ambulantes, o município não tem um número elevado de mulheres na esfera pública e a maioria das pessoas partem da ideia de que, o lugar delas é em casa, cuidado da educação dos filhos.

Nas sociedades contemporâneas cada membro de uma determinada família tem geralmente papéis pré-definidos nos quais geralmente a mulher é a responsável pelo lar e pela educação dos filhos, sendo o homem o provedor do lar, aquele que busca o alimento da família, ou seja, a conduta dos pais considerados como os “legítimos” dirigentes das famílias, aquele que possui o poder máximo da casa, é a conduta do provedor.

Como aponta Fabiana Silva (2010):

(...) a figura do pai, pela serie de fatores que observamos ao longo da pesquisa, fica marcada na lembrança das filhas como a que participa, incentiva, mas não de forma sistemática. (...) o pai nos parece ser uma espécie de representante da resistência, (...) que significa segurança e estabilidade. (...) o papel que a ele é atribuído dentro da ordem familiar, particularmente no período estudado, como aquele que trabalha e tem por obrigação sustentar e manter a família. (SILVA, 2010 p. 210)

Assim, escolhi trabalhar com este tema no projeto de conclusão de curso, porque anseio brevemente, em me especializar na área da pedagogia e possivelmente dar seguimento a esta pesquisa, pois entendo que ainda poderá, gerar resultados satisfatórios, entendendo que como mulher que está iniciando a sua trajetória acadêmica, tal formação me possibilitará ter outras visões mais críticas sobre a construção social do papel que é atribuído a mulher (o de ser aquela que cuja sua principal função é tutelar e zelar pela educação dos seus filhos). Por outro lado, me possibilitará, dentre outras coisas, tentar buscar caminhos que ajudem a entender de forma minuciosa, como se constituem, a estrutura e organização social, que mantém as mulheres na maioria das vezes como as principais responsáveis, pela educação das suas filhas e filhos, a elas cabe o papel educar.

Segundo Balancho (2004), desde o século XIX que o conceito da paternidade e masculinidade está sendo alvo de discussões e reflexões de muitos intelectuais, autores que com o passar do tempo decidiram tentar compreender o papel dos pais, no seu dia-a-dia, no que se refere as relações que os mesmos têm mantido com os seus filhos no cotidiano. O autor vai apontar também, a relevância do papel que os pais tem se atribuído no dia-a-dia, mostrando que cabe também aos pais, a figura paterna o cuidado com seus filhos. Ou seja, o autor estende dessa forma as responsabilidades, para ambos lados, tanto para a mulher como para o homem. Mostrando que ambos tem responsabilidades sobre os filhos e sobre sua educação, e dessa forma contesta as concepções socialmente construídas desses papéis, como anteriormente referenciamos fixos e naturalizados no que refere a educação dos filhos.

Acredito ainda que, através desse trabalho que na verdade é preliminar, me ajudara, a construir novos canais de compreensão, sobre a constituição dessas sociedades, onde as mulheres ocupam um papel central, na educação efetiva dos seus/suas filhos/as.

Segundo Vânia Vasconcelos, (2005, p.2):

A representação do feminino esteve, no decorrer da história, quase sempre associada as imagens dicotômicas. Frágil ou forte, vítima ou culpada, santa ou pecadora, a mulher aparece na história prioritariamente através do olhar masculino, sendo as figuras de Eva e Maria os principais referenciais simbólicos dessa oposição, na sociedade ocidental.

Ainda segundo a referida autora, a atribuição da mulher como consequência de diabolização foi através do pecado cometido pela Eva do fruto proibido e as consequências não atingiu apenas Adão e Eva mais sim, essa punição foi para toda a humanidade e no castigo o homem foi condenado ao trabalho pesado enquanto a mulher “darás a luz aos teus filhos sob o poder do seu filho e ele te denominará”. Uma clara demonstração de alguns aportes os quais vão se recorrer para tentar legitimar ao papel de submissão da mulher:

A associação da mulher com o demónio, o mal, a perdição da humanidade foi fundamentada numa época, a baixa idade média de intenso fervor religioso, em que a ameaça do demónio era vista e sentida por toda parte, com isso percebemos claramente a diabolização da mulher comparada a Eva é considerada a culpada de todos os males (VASCONCELOS, 2005, p.6).

Conforme ainda outros autores citados por Vasconcelos (2005), a hierarquização do gênero também estaria relacionada ao fato de no homem prevalecer a razão e o espírito, enquanto na mulher prevalecer o desejo em relação a ela, se definindo como racional e apolíneo em oposição a mulher instintiva e dionisíaca.

Constata-se também, que tais construções que vão buscar na religião o embasamento a fim de justificar essa ampla e até desleal desigualdade entre o homem e a mulher são bastante problemáticas. Sendo que é preciso que se questionem as mesmas, pois concebem a representaria a continuação de uma reprodução, de uma forma sistemática e até mais problemática ainda.

Desde o tempo mais remoto, a escola e a família quando se tratava da educação feminina sempre já vinham com os papéis sociais do gênero definido, a mulher como esposa, dona de casa e o homem como o provedor do lar, integrante da esfera pública, onde essa obrigação na concepção da mesma é inquestionável, pelo fato de derivar da consequência do pecado da mulher, segundo Vasconcelos. E também, por um outro lado, existem sociedades que vão no mesmo sentido (o de tornar a mulher submissa), relegando a ela espaços de maior protagonismo social, que não se limitem tão-somente no cuidar do lar e da família.

No final da idade média muitas mulheres eram, instigadas a dar mais valor ao modelo da família patriarcal. E muitas mulheres praticamente vão se sentir coagidas a integrar as representações, as quais lhes foram de forma psicológica estabelecida, nomeadamente, aquela velha estrutura familiar, muito conservadora e protetora que se entende por: mãe, pai e filhos, onde a mãe sua responsabilidade e cuidar dos filhos e o pai buscar o sustento da família. (referência)

Isto implica dizer que o poder de decisão sobre os recursos financeiros está sob o controle

do pai. Como autoridade máxima, deve preservar uma distância afetiva dos filhos enquanto a mãe, por sua vez, deve corresponder às exigências e expectativas sociais da sociedade em que se encontra inserida (tradicional, sobretudo nas africanas, que vão entendê-las como tradição que não se deve romper), desempenhando funções na organização doméstica e cuidado dos filhos.

No artigo intitulado “ Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família”, as autoras Perucchi e Beirão (2007), asseguram que compreender a paternidade nesse contexto é questionar a produção de conceitos baseados na estabilidade da família e contestar a concepção de papéis fixo e naturalizados. Isto é, pais e mães assumem funções específicas na educação dos filhos e que o cuidado da casa e dos filhos permanece sob responsabilidade da mãe, e essa distinção dos papéis foi feita por meio de construções sociais de gênero no que tange às atribuições de masculino/feminino, construídas a partir das diferenças sociais atribuídas às diferenças sexuais.

No entanto, é perceptível o peso que as estruturas sociais de gênero têm sobre a sociedade, principalmente no que tange ao ser mulher como detentora da responsabilidade pelos trabalhos domésticos e pela educação dos filhos.

Segundo Freitas (2009), no artigo “Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de Provedor” os posicionamentos assumidos pelos participantes acerca da paternidade indicam a vivência da paternidade como um atributo social, refletem a ideologia patriarcal como uma pressão social sobre o homem, gerada pela imposição de papéis que, quando não cumpridos, põem em xeque sua masculinidade. No entanto, é preciso salientar que Walânia Freitas et al (2009), afirma que o modelo de pai provedor é o modelo do bom pai, imagem esperada socialmente pelo homem, esses aspectos de autocontrole regulam a masculinidade na sociedade em que o ser homem está relacionado a ser culturalmente dominador e controlador conforme alguns relatos obtidos através dos participantes na pesquisa da autora.

A autora mostra que essas construções sociais dos papéis do homem, elas não são de ordem biológicas, mas sim sociais, diferente do que Vasconcelos vai apontar que essas construções se deu por ordem biológicas não sociais, conforme os muitos pensadores da época descreviam a mulher como um ser biologicamente frágil, afetiva, doce e sobretudo passiva, como aponta a autora,

Na sociedade idealizada por estes pensadores, cabe a mulher cuidar da casa, dos filhos e do marido, enquanto o homem deve pertencer à esfera pública. Esses argumentos são fundados na idéia de que a natureza já determinou os papéis sociais de gênero, reforçando assim a necessidade de convencer as mulheres do seu destino “natural” de ser mãe. Nesse sentido, os médicos vão ter um papel essencial por construírem um discurso sobre o corpo feminino, considerado mais frágil e apropriado apenas para a maternidade (VASCOCELOS, 2005,p.8).

De acordo com a Leonor Balancho (2004), ao falar sobre as transformações intergeracionais em ser pai, com a entrada da mulher no mercado do trabalho ela começou a sentir-se subcarregada com as tarefas, e conseqüentemente acumulação de responsabilidades de casa. Ao ver-se só por escolha, imposição ou divórcio, a mulher idealizou um novo parceiro, alguém que poderia se envolver também com responsabilidades nos cuidados com a casa e na educação dos filhos. Podemos dizer que a tarefa de educar os filhos, tendo que conciliar isso com a independência profissional, econômica e até política da mulher se encontram limitada a esse dilema de que ao mesmo tempo ter que zelar pela família.

As autoras, Sutter e Maluschk (2008), em seu artigo “Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa”, vão mostrar que a paternidade participativa requer um cuidado, capacidade de cuidar e se envolver numa relação de intimidade e assume responsabilidades. Estes, estão presente desde o nascimento disponibilizando tempo e dedicação não só pelo trabalho mais também pela educação, muito ao contrario da masculinidade em que o homem é aquele que garante só o sustento da família. Ainda, para as autoras, pai é aquele que além de manifestar o desejo de participar ativamente na criação dos filhos prioriza qualquer outro tipo de trabalho em relação.

Além disso, a paternidade é ancorada na identidade da masculinidade. Para muitos homens o papel do pai dentro de uma família é apenas a responsabilidade de mantedor da família, em vez do macho reprodutor (referencia). São esses papéis, que vão costurar na maioria das vezes, destinos de muitas mulheres, inclusive fazer com que essas não tenham uma visão política emancipatória. No entanto, como já tinha referido anteriormente, a escolha em debruçar-se sobre o presente tema parte também em tentar analisar a real concepção, que muitas dessas mulheres (mães) têm sobre o seu papel e o que isso representa para elas, na educação dos seus filhos.

Tendo em conta que a mãe representa pontos cruciais na formação dos seus filhos, e é a partir dos conceitos e aprendizados passados por ela que se desenvolverão habilidades no trato social, família. De acordo com alguns especialistas, a presença da mãe representa a continuidade da vivência no útero...Até os três anos de idade a criança se enxerga como uma extensão da mãe. Somente após essa idade e que o pai ganha espaço na personalidade do filho... A ligação da mãe com o filho é mais intensa, pois foi no útero que o bebê recebeu seus primeiros cuidados, como a alimentação, calor, proteção e conforto...É através do cheiro, da audição, do paladar que a criança se liga mais à mãe após o nascimento, pois foi dentro do corpo dela que ele sentiu essas primeiras sensações.

Visto que, a educação das mães para com os filhos é concebida como algo obrigatório,

enquanto para os pais é algo subjetivo, funcionando como uma “ajuda” à mulher, podemos considerar como algo naturalizado a maior participação das mulheres na vida escolar dos seus filhos. Entretanto, diante desse contexto, apresentamos como problema: qual a percepção que as mães cabo-verdianas têm sobre seu papel na criação e na escolarização de seus filhos. Papel esse que geralmente tem sido comum e que reduz a figura materna, no sentido em que, as mães são consideradas responsáveis pela educação, comportamentos dos filhos e os pais considerados como o chefe da família, a autoridade máxima da casa.

2 JUSTIFICATIVA

Na sociedade brasileira historicamente a “família” tem estado por trás do sucesso escolar e tem sido culpada pelo fracasso escolar. No âmbito das escolas tanto particulares assim como as públicas é a mãe que acompanha assiduamente o aprendizado e o rendimento escolar dos filhos, quem organiza seus horários de estudo, verifica diariamente o dever de casa.

Como indica Fabiana Silva (2010),

(...) os sacrifícios que essas mães passaram, também podem ser caracterizados como uma das condições que ajudaram seus filhos a obter uma longevidade escolar. (...) a saída, nas madrugadas, para matricular os filhos, a instabilidade financeira da família, o esforço para acompanhá-los faziam parte do cotidiano dessas mães, (...). (SILVA, 2010, p. 206).

Conhecer a professora e frequentar as reuniões escolares, com efeito, o sucesso escolar dos filhos têm dependido, em grande parte, do apoio direto e sistemático das mães que investem nos filhos, compensando tanto dificuldades individuais quanto deficiências escolares.

(...) todos os membros da família parecem ter desempenhado a função específica e importante no projeto bem-sucedido de escolarização. Porém, a figura, que aparece de forma determinante na formação escolar desses sujeitos é a mãe. (SILVA, 2010, p. 206).

Conforme Ciomara Benincá e William Gomes (1998), em seu artigo “Relatos de mães sobre transformações familiares em três gerações”, a família da primeira geração, era a unidade de trabalho e produção. Nela, a boa esposa era aquela que trabalhava arduamente com o marido para a formação do patrimônio do casal. A segunda geração acrescentava ao trabalho doméstico e ao casamento uma nova prioridade, a formação escolar. E na terceira geração já se apresenta como um leque de possibilidades, pode-se escolher entre a vida doméstica e

profissional, combinar as duas, escolher entre casar ou permanecer solteira isto é afirma a identidade da mulher moderna.

Entretanto, mesmo com seus muitos afazeres contemporaneos, a mulher continua a ser a principal responsável pela vida escolar dos filhos. Em sua pesquisa, Fabiana Silva. (2010, p. 206), afirma:

É atribuída a ela, em todos os depoimentos dados por seus respectivos filhos, a quase completa responsabilidade pela importância e valor atribuído a educação. São histórias de mulheres fortes, de fibra, que se destacam pelo empenho e esforço realizado no dia-a-dia para a manutenção dos filhos na escola.

Na modernidade verifica-se também que uma vez casada a mulher ela tem alguns direitos seus confiscados dentre eles destacaria aqui, o direito a uma formação escolar que implica na sua emancipação como sujeito da sua própria autonomia ou independência.

Ao contrário, em Cabo Verde essa não é uma realidade frequente, cabe ressaltar que esse fenômeno, particularmente em Cabo Verde não é tão antigo assim, é algo bem recente tendo recorte de tempo, dois anos e meio para cá, a data da minha saída do país a coisa já em evolução.

Diferente do Brasil a realidade cabo-verdiana ela é bem recente, sabendo que é um processo longo o qual está bastante prematuro ainda, pois é algo que ainda não se desenvolveu, desenrolou como deveria ser, é um processamento longo por isso ainda está em um processo evolutivo, porém não deixa de ser um avanço comparado com os anos anterior que era algo inquestionável.

Evidentemente, hoje as mulheres Cabo-verdianas começaram a tomar consciência do dever que tem que ser estabelecido ou ainda demarcar esse território como ser que diretamente participam no processo escolar dos seus filhos, que criam a imagem, figura materna da importância da escolarização dos seus filhos. É importante dizer, que essas reflexões foram construídas ao longo de minha convivência com outras mulheres na sociedade Cabo-verdiana. São referências das mulheres que me seguem, das mulheres que vivem comigo cotidianamente, dentro da minha família ou na convivência do no meu dia a dia.

O anseio de tentar aprofundar e conhecer um pouco mais sobre as percepções das mulheres e em dar minhas contribuições através de reflexões que acredito serem possíveis a partir de diálogo teórico-prático (revisão bibliográfica e também entrevistas semi-estruturadas).

Alguns estudos apontam que, não temos mulheres em muitos lugares atuando (politicamente e economicamente) muito por causa desses papéis (domésticos), aos quais a maioria delas vai desempenhar. E uma das razões pelas quais propomos a realizar esta pesquisa é que almejamos trazer resultados novos que possam contribuir e fortalecer a luta das mulheres em busca de uma autonomia mais consistente e solidária. Mesmo sabendo que alguns autores já debruçaram, sobre o mesmo tema ou temática, com esse projeto propomos ampliar a compreensão do que já está presente dentro do campo, porém apontar novos caminhos.

Assim, acreditamos que o trabalho possui relevância e pode gerar impactos sociais consideráveis. Ao discutirmos as percepções das mulheres sobre seu papel na atuação da vida escolar de seus filhos, certamente também estaremos olhando para os papéis socialmente construídos para os homens.

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a percepção das mães cabo-verdianas sobre seu papel na criação e escolarização dos seus filhos.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

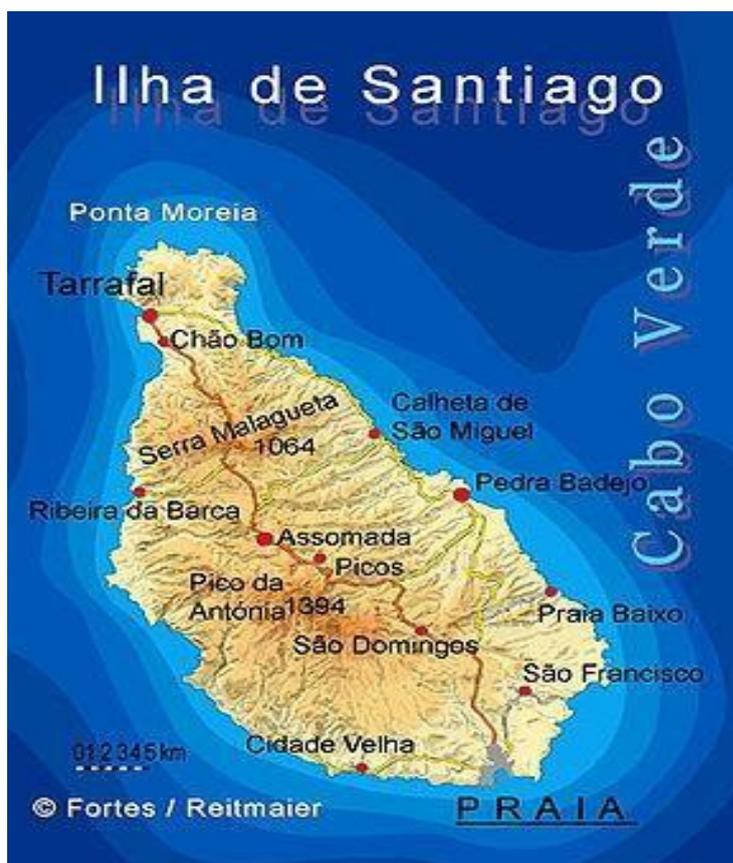
- 1.** Identificar os discursos produzidos, sobre o gênero feminino como o responsável para cumprir ativamente o papel de zelar pelo lar e pela educação dos seus filhos.
- 2.** Refletir sobre os motivos que levam as mulheres em relação aos homens a participarem mais no dia-a-dia da vida escolar dos seus filhos.
- 3.** Discutir a percepção das mães cabo-verdianas sobre seu papel na vida escolar dos filhos.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No primeiro momento realizaremos um estudo bibliográfico objetivando construir a fundamentação teórica da pesquisa. Utilizaremos livros, artigos e outras matérias disponíveis sobre a temática que possam, que apresente estudos e pesquisas de outros autores que estudam o tema a mais tempo.

Pretendemos realizar a pesquisa de campo em Cabo Verde, na Ilha de Santiago, no Município de São Lourenço dos Órgãos. Órgãos é um conselho do interior, situada bem no centro da Ilha de Santiago, que possui cerca de 7388 habitantes, conforme já referimos. Localiza-se nas proximidades de São Domingos e Picos como podemos visualizar no mapa a seguir:

Figura 1 – Mapa da Ilha de Santiago



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ilha_de_Santiago

Projetamos ter como sujeitos participantes da pesquisa mulheres, mães de família, em seus mais diversos arranjos familiares, que possuem filhos em idade escolar e acompanham a vida escolar de seus filhos.

Figura 2 - Mulheres em São Lourenço dos Orgãos



Fonte: <http://viajar.sapo.cv/noticias/sao-lourenco-dos-orgaos-acolhe-iv-edicao-da-feira-de-cinzas>

No que se refere as estratégias metodológicas, as entrevistas serão utilizadas como principal estratégia, para a realização desta pesquisa, pois ela permitirá, um contato direto com as pessoas que participarão da pesquisa, possibilitando uma aproximação da realidade por elas vivenciadas. O estudo bibliográfico, proveniente de pesquisas já feitas sobre o tema, livros, dissertações, artigos etc. entre outras materiais já publicadas, será utilizado com estratégia complementar.

5 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

O levantamento de outros materias bibliográficos nos ajudará a fazer um diálogo com varios autores, que ja trabalharam essa. Por meio do estudo da literatuda disponibilizada, organizaremos a fundamentação teórica da pesquisa. Entre as referências já encontradas destacamos aquelas que nos ajudaram a melhor compreender as relações locais em Cabo Verde: MONTEIRO, Eurídice. **Entre os senhores das ilhas e as descontentes identidade** : classe e

gênero na estruturação do campo político em cabo verde. Recife: Editora da UFPE, 2014.

MONTEIRO, Eurídice. **Mulheres, Democracia e Desafios Pós-Coloniais** - Uma Análise da Participação Política das Mulheres em Cabo Verde. Praia: Edições UNICV – Coleção Sociedade vol. 4, 2009.

SILVA, Carmelita; FORTES, Celeste. **Mulheres em Cabo Verde: experiências e perspectivas.** Praia: Edições UNICV – Coleção Sociedade vol. 4, 2013.

O desejo é possamos compreender e analisar de forma crítica as realidades sociais, que nos afrontam, na condição de mulheres.

Para Vasconcelos:

Entre os séculos XVI e XVII ocorre uma mudança muito influenciada pelo pensamento cartesiano quanto a razão feminina, além disso o liberalismo também advoga ainda que teoricamente o homem e a mulher deveria ter igualdade de direito, o exemplo de Rousseau. Para eles, a mulher não pode mais ser considerada inferior ao homem, ela deve ser complementar a este, ou seja, o fato deles serem biologicamente diferentes não os fazem ter funções sociais também diferenciadas. (2005,p. 8).

Consideramos que, na atualidade nota-se agora uma ligeira disparidade quantitativa, no que tange a representação feminina nos cargos políticos e de tomada de decisão, isso se deve ao fato de essa herança, que persiste em subalternizar o papel e a importância da mulher. Pois isso nos remete a refletir sobre as estruturas familiares que há muito tempo vem sendo herdadas e reproduzidas, onde se tem papéis pré-definidos de cada sujeito que compõe um grupo familiar. Ou seja, com isso iremos buscar através de abordagens teórico-práticas, trazer a luz das nossas discussões o papel das mulheres, na educação social e cultural dos seus filhos.

Entendendo, que a mulher, ela tem sido de longe a figura central, no processo de educação e formação dos seus filhos. Segundo Fabiana Da Silva, (2010,p. 206):

(...) Lúcia, ao ser perguntada sobre o papel da sua mãe nesse processo, afirma “(...) essa figura que ajudou na disciplina intelectual, essa pessoa incentivava, essa pessoa apoia, digo, ela é uma mulher fantástica” (...) ela só incentivava a gente para estudar, o incentivo era muito, muito mesmo.(...) Luciana.

De acordo com, BALANCHO, Leonor (2004), por muito que, possam ter ocorrido algumas mudanças relativo ao comprometimento dos homens, comparadamente com as mães, eles continuam em não ter um amplo envolvimento afetivo com os filhos, sobretudo no que

dize respeito, por exemplo em ajuda-los nos deveres de casa. Basicamente a partir, de todas essas colocações, buscaremos, questionar essas estruturas tidas como “herdadas” e ou “culturais, mas também tradicionais” e compreender, como elas são na realidade constituídas e mais do que isso, compreender como elas conseguem se manter até então.

Em fim tentar entender porque que as mulheres em relação aos homens participa m mais no dia-a-dia da vida escolar dos seus filhos e também compreender a percepção que a mãe tem sobre seu papel na criação dos seus filhos e as estruturas familiares que há muito tempo vem sendo reproduzidas, fruto de heranças muita das vezes patriarcais e machistas.

Para tanto exploraemos as fontes bibliográficas apresentadas e outros materias que encontrarmos na pesquisa em curso.

REFERÊNCIAS

BALANCHO, Leonor. **Ser pai: transformações intergerações.** Análise Psicológica. 2 (XXII), Pág. 377-386, 2004.

BENINCÁ, Ciomara; GOMES, William. **Relatos de mãe sobre transformações familiares em três gerações.** Estudos de Psicologia, (3(2)), Pág.177-205, 1998.

FIORIN, Pascale et al. **Reflexões sobre a mulher contemporânea e a educação dos filhos .** (n.02.jul/dez),Pag.102-132, 2011.

FREITAS, Waglânia et al. Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. **Rev Saúde Pública.** (43(1)), Pág. 85-90, 2009.

PERUCCHI, Juliana; BEIRÃO, Aline Maiochi - Novos arranjos familiares: paternidade , parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. **Revista Psicologia Clínica** - vol.19 no.2 Rio de Janeiro Dec. 2007

SILVA, Fabiana. Escolarização de Famílias Negras: superando limites e barreiras. In: SANTIAGO, Eliete; SILVA, Claudilene e SILVA, Delma. **Educação, escolarização e identidade negra: 10 anos de pesquisa sobre relações raciais no PPGE/UFPE.** Recife: Editora da UFPE. Cap.VII, pág. 197-233, 2010.

SUTTER, Cristina; MALUSCHK, Júlia. **Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa.** (n.1, Jan/mar), pág. 74-84, 2008.

VASCONCELOS, Vânia. Visões sobre as mulheres da sociedade ocidental. **Revista Ártemis.** (n.3, Dezembro), 2005.

"<http://b.scorecardresearch.com/p?c1=2&c2=8432686>"

Gt21, Francisca Jeane da Silva-Ensino- Aprendizagem: Responsabilidade de todos.